

Levado pela vida aos trancos e barrancos, a defrontar um vento eterno a desfavor, tentando, desde a infância a meus cabelos brancos, tirar do mal um bem, do frio algum calor;

numa existência dura, a duros solavancos, levado à frente só por íntimo valor para enfrentar marés contrárias e aos arrancos que imprimem atração a tração ao passo vencedor,

indago-me ao deixar para trás este mundo, ao despir-me do corpo, ao fim, perdido o alento, para enfrentar, lá em cima, aquele olhar profundo

a prometer-me paz, à luz da eternidade, eu que, senti prazer nos vãos do sofrimento, será que tendo paz, terei felicidade?...

Adélia Victória *Ferreira*, A Grande Dúvida; em 'Fanal 8511'

Tu, que tens na caveira a tua marca e em todo fim letal, o teu trabalho; tu, cuja foice, enfim, de talho em talho, aos poucos, toda a humanidade abarca,

tão já eu não te veja, fria parca... Inútil és-me hoje, que algo valho; saúde inspiro ao redor, vida espalho, feliz, com parcos bens sou eu um monarca.

E se o ditoso, que sou, por ti termina, queixar-se-á um amigo: "assassina!" e alguém que eu amo e deixe: "criminoso!"

Mas se, cansado, o mundo eu já ver turvo e, ao fardo da idade, andar recurvo, então sim, morte, ser-me-ás caridosa!

Cléber Roberto de Oliveira, Extremo Bem; em Milênio 0010

"Pode alguém ser feliz na mais completa paz?" – Perguntas-me. Não sei, mas entendo que a vida isenta de emoções ou de mágoa sofrida, não é vida é quimera, é comédia fugaz.

Eu posso ser feliz num turbilhão voraz ou infeliz na calma às vezes conseguida a golpes de renúncia ou paixão reprimida, e viver na ilusão mentirosa e falaz.

Toda infelicidade e toda dor da gente são frutos de quem vive egoisticamente negando ao coração a grandeza do amor.

Não pode ser feliz quem assim não entende. Felicidade é luz que a gente mesmo acende na lanterna da paz de nosso interior.

Thalma Tavares, Sub Óptica Mea; inspirado no verso: *Será que tendo paz terei felicidade?* (final do Soneto A Dúvida Infinita, de Adélia Victória)

A mesma porta que separa, une. Basta, apenas, bater...

Adélia M. Woellner, em Jornal Leco 21, 0102

Decomposta, a sós, é s.o.s. sem resposta...

Cyro Armando Catta Preta, Na Rua; de Enigma/Estigma, 1982

Conviver com os poemas

ao redor da mesa ao redor dos dias como filhos

acariciar cercar deixar

ao calor do sol à melancolia do crepúsculo apertar ao peito apalpar a febre a testa ler as linhas

ler a vida em suas mãos

conviver com os poemas

ao redor da mesa ao redor dos dias como filhos

demora

a hora em que eles nos abandonam.

Eunice Arruda, Trato; de Risco, 1998

Um poema livre da gramática, do som das palavras livre de traços

um poema irmão de outros poemas que bebem a correnteza e brilham

pedras ao sol um poema sem o gosto de minha boca

livre da marca de dentes em seu dorso

um poema nascido nas esquinas nos muros com palavras pobres com palavras podres

que de tão livre traga em si a decisão de ser escrito ou não.

Eunice Arruda, Risco; de Risco, 1998

Quando uma mulher se esmera no jogo da sedução, vira o homem, que era fera, num bicho de estimação...

Domingos Freire Cardoso, em Anexo Elos, BI UBT SP 0005

Estou escutando uma música chata do U2 para fazer este poema, a música se chama: *Love Comes Tumbling*. Então não se queixe já acabei o poema é melhor assim.

Johnny Smith, + 1 Poema a +

Lua fria irmã sequer me espreitas vejo-te pálida protegida pela névoa fria lua minguada magoadá irmã.

Eunice Arruda, Lua Fria (sobre a pintura Quem Foi? de Valdir Rocha); em A Beira, 1999

Outra mulher nasceu súbita violenta

em mim

anda sobre pedras aberta massacrá o coração nos uniformes é conforme ao mundo

lisa como cobra pedra polida desliza do começo ao fim da avenida

outra mulher nasceu

ágil

ergue o rosto

ao sol

ao céu

sem expectativa

sempre impune

outra mulher

e com

sábias duras mãos

me afasta dos abismos

do delírio

das notícias. Do luar

não escreve poesia.

Eunice Arruda, Natal; de Risco, 1998

Nada na vida é absoluto... a não ser o luto!

Silvério R. Costa, Só; em Jornal Leco 21, 0102

Salve a Bahia dos santos, de tantos sonhos de amor, dos candomblés, dos quebrantos, do povo aos pés do Senhor.

Eduardo A. O. Toledo, em Revista Poesias – Salvador, 9901

Queres me colocar rente aos mortais Deus sem misericórdia não nasci para provar os frutos mas provê-los.

Eunice Arruda, Indignação; de A Beira, 1999

Tanto esforço para suportar estes homens

guerrilheiros sem nome súplica nos olhos estáticos

tanto esforço

para perdoar

estes homens.

Eunice Arruda, Horizontais (sobre pintura Horizontais de Valdir Rocha); de A Beira, 1999

Gingas, mulata de luxo, num passo tão requebrado, que um coração de gaúcho pode acabar enfartado...

Lacy José Raimundi, em O Pitiguari, 0012

Fora da taipa velho jardineiro cultiva seu podão.

Um novo jovem

corta a sebe

em pequenos

vivos golpes.

Gregory Corso ♣ 010117, conforme OESP Caderno Cultura 010211

Cantor de rua,

doente, curvado

no vão da porta

contendo o coração.

Uma canção a menos

na ruidosa noite.

Gregory Corso ♣ 010117, conforme OESP Caderno Cultura 010211

Estou só. Silêncio.

Eu não escuto, sequer,

o meu coração.

Lyad *Sébastião Guimarães* de Almeida ♣ 001005

A força de uma nação começa com a caneta: um a mais na educação, um a menos na sarjeta...

Renata Paccola, em BI UBT Magé 0010 e Fanal 0102

Elas se amparam em papéis palavras no brilho

faca cortando as águas

os homens

tentam entendê-las

com abraços mágicos

colares

elas dão poemas

filhos

sombra

e outras possibilidades de abrir

clareiras na floresta

os homens riscam suas peles

com carinhos beijos

profundos

mas

elas se amparam

estão

sempre atentas

à bifurcação dos caminhos

à mudança de lua

os homens as confundem, às

vezes

com mulher.

Eunice Arruda, As Poetisas; de A Beira, 1999

Vi a professora do primário mostrar escondida a bandeira paulista desenhada dentro do mapa do Estado

com perfil de rosto de mulher;

vi dois de meus irmãos ♣ qpd

comerem um saco de laranjas-baía

(em 5 minutos e a preço baixíssimo!)

docemente doces (comi também!);

de corações dulcíssimos;

vi no pós guerra o Brasil

ser inundado de bugigangas;

vi chocolates Gardano, Falchi,

Pan, Diziosi, Lacta...

cada um ter sabor próprio;

vi os sorvetes Vamos e Siri

ficarem aguados;

vi os biscoitos Aymoré virarem porcaria;

vi senhoras reclamarem receitas de bolo

mal feitas em primeira página de jornal;

vi a água Poá poluir-se e em seguida,

o lançamento da Minalba;

vi por que Authos Pagano

dizia a frase de aparência tola:

"só sabe que uma laranja é doce

quem já comeu uma laranja doce."

Vi – não tanto – mas alguma coisa.

Meninos, eu vi!

Manoel Fernandes Menendez

Toda a gente tem pecado... E eu também não fico atrás. De não se sentir culpado ninguém no mundo é capaz.

Thalma Tavares

Pegue 1.800 ônibus cheios e fumegantes; 70 mil carros particulares; 30 mil vagas; centenas de caminhões; 17 mil táxis; 1 milhão de pedestres e misture bem (não precisa bater).

Adicione 1.489 buracos 500 sinais sem sincronia 250 guardas sem iniciativa

leve tudo ao forno do centro da cidade.

E em menos de cinco minutos estará

pronto o maior bolo do mundo,

chamado trânsito carioca.

Carlos Eduardo Novaes; em Viver, Aprender Educação de Jovens e Adultos 1, Módulos 3 e 4, 1998

Andei por tantos caminhos

e não fiz ninhos...

Cruzei continentes

sem amor tive os homens que quis

pequei por paixão por vaidade

sei que fui tola, leviana, infeliz

quando em meu corpo ardia a chama

em muitas camas fui meretriz.

Bejei tantas bocas

de homens que não amei

e como louca esperei

pela sua que eu não bejei.

Carmen Pimentel, Nômade; em Devaneios, Coletânea 2000 do CPAC – Centro de Poesia e Arte de Campinas

A questão

não é rir por último

nem muito menos antes:

a questão é rir durante.

Abel Silva, A Questão

Seleção Arnaldo Giancoli



ÁRIES: SIGNO DO FOGO

Áries é o primeiro signo do zodíaco (21 de março a 20 de abril); é regido por Marte e seu elemento é o fogo.

O signo complementar de Áries é Libra; seu oposto é Capricórnio.

As principais características do signo de Áries são: o dinamismo, a liderança e a coragem.

Help! Multi Mídia Estadão HMI 018

**Aries 22.03 a 20.04**

Personagem típico:

Tarzan, em

Tarzan, O Senhor da Selva, de

Edgar Rice Burroughs (1875-1950)

The Brazilian Living Webster Encyclopedic Dictionary of the English Language 1973

